



# O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## SOB A BANDEIRA DO LENINISMO

A 22 de Abril os comunistas e a classe operária internacional, os trabalhadores e os povos de todo o mundo comemoram uma data gloriosa da Humanidade — o centenário do nascimento de VLADIMIR ILITCH LÉNINE.

Lénine foi o maior pensador e revolucionário do nosso século que mais contribuiu para o desenvolvimento criador do pensamento marxista. «O leninismo é o marxismo da nossa época».

— Lénine foi o continuador genial da ciência criada por Marx e Engels, fundador do Partido Bolchevique (primeiro partido proletário de novo tipo), guia da Grande Revolução Socialista de Outubro, organizador do primeiro Estado de operários e camponeses na história, impulsionador do movimento comunista internacional nas novas condições históricas do imperialismo.

Vivemos na era do triunfo das ideias de Lénine. As grandes transformações revolucionárias da nossa época, tais como o triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro; o esmagamento do nazismo e do militarismo na segunda guerra mundial; a construção do socialismo num numeroso grupo de países e a formação da comunidade socialista; o desmoronamento do sistema colonial do imperialismo e a formação de dezenas de novos estados independentes; assim como o desenvolvimento impetuoso do movimento comunista e operário internacional; as grandes batalhas do proletariado revolucionário que sacodem os principais países do mundo capitalista; a formação de poderosas forças da paz, com a União Soviética à cabeça, que se opõem aos planos de guerra do imperialismo; o agravamento da crise geral do imperialismo que abarca as principais esferas da vida social; a economia, a política, a ideologia, a cultura, a arte, a religião, todos estes acontecimentos, estão historicamente ligadas ao nome de Lénine e aos seus

ensinamentos.

A humanidade marcha irresistivelmente para a frente sob a bandeira do marxismo-leninismo. No centro da vida da nossa época encontra-se a classe operária internacional e a sua principal conquista — o sistema mundial do socialismo. O movimento comunista e operário mundial tornou-se universalmente a força política mais influente dos nossos dias. O imperialismo perdeu irremediavelmente o seu domínio e influência sobre uma grande parte da humanidade.

O marxismo-leninismo é a ciência revolucionária que cada dia mais domina o pensamento da humanidade progressista, a ciência que ilumina a classe operária a todos os povos no caminho da luta contra o imperialismo, na luta pelo Pão, pela Liberdade, pela Democracia, pela Independência Nacional, pela Paz, pelo Socialismo e o Comunismo.

A par das grandes transformações revolucionárias operadas na vida da sociedade dos nossos dias, a par das históricas conquistas do marxismo-leninismo e das vitórias e êxitos do socialismo, do movimento comunista e de todas as forças revolucionárias do mundo a humanidade progressista comemora os 100 anos do nascimento de V. I. Lénine num momento em que se agudiza extraordinariamente a luta de classes entre o socialismo e o imperialismo, entre as forças do progresso e da reacção. O imperialismo não desistiu de fazer a guerra pelas armas aos países socialistas. Daí a sua preparação intensiva para a guerra. Daí as suas agreções armadas contra o heróico povo vietnamita e contra outros povos.

Apesar do imperialismo não ter recuperado posições perdidas, não se ter fortalecido como sistema mundial; continuar a perder posições, influência e a agravarem-se as suas contradições internas e externas, apesar de tudo, ele continua a ser uma força poderosa e ameaça-



dora. A sua força real não pode ser minimizada. A luta contra o imperialismo é uma batalha longa e implacável que impõe ainda enormes e duros sacrifícios a todos os povos do mundo. Mas a roda da História não anda para trás. O imperialismo, com todos os seus crimes e horrores, será infalivelmente varrido da face da terra. Vivemos na época da passagem do capitalismo ao socialismo. Dando con-

fiança na certeza do triunfo do Socialismo Científico no Mundo, Lênine afirmava: « *Os comunistas devem saber que o futuro lhes pertence suceda o que suceder. Por essa razão podemos (e devemos) unir na grande luta revolucionária o mais apaixonado ardor ao maior sangue frio e à mais refletida apreciação das convulsões desesperadas da burguesia* » (Doença Infantil).

A melhor contribuição que todos os militantes comunistas, todos os lutadores de vanguarda podem dar às comemorações do centenário do nascimento de V. I. Lênine é aplicar na prática os seus ensinamentos revolucionários e levarem às amplas massas populares o conhecimento das históricas conquistas do leninismo, dos grandes êxitos e vitórias do socialismo, dos êxitos e vitórias dos partidos comunistas e de todas as forças revolucionárias. É desenvolverem cada dia maiores esforços pelo fortalecimento dos laços de amizade internacionalista que unem os comunistas portugueses, a classe operária, os trabalhadores e pessoas progressistas do nosso País à grande Pátria Socialista e ao Partido de Lênine — o Partido Comunista da União Soviética. É consagrarem cada dia maiores esforços na luta consequente contra o imperialismo e pelo derubamento da ditadura fascista, pela Democracia, pela Liberdade, pelo Socialismo.

A melhor contribuição que cada combatente de vanguarda pode dar ao Leninismo é consagrar cada vez mais esforços na luta intransigente em defesa dos princípios do marxismo-leninismo, em defesa do internacionalismo proletário. É lutar com a ténpera leninista contra o oportunismo de direita e de esquerda, contra o revisionismo e dogmatismo, contra o nacionalismo e chauvinismo, contra o anti-sovietismo. É elevar o trabalho político e ideológico. É fortalecer o Partido, o seu papel dirigente e a sua ligação com as massas. É estudar afinadamente com espírito criador as obras de Lênine.

Cada militante comunista, cada lutador pela causa do Povo e da Justiça encontrará nas obras de Lênine « *QUE FAZER* »; « *UM PASSO EM FRENTE, DOIS À RETAGUARDA* »; « *DUAS TÁCTICAS DA SOCIAL DEMOCRACIA NA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA* »; « *DOENÇA INFANTIL DO COMUNISMO (O esquerdismo)* »; « *O IMPERIALISMO FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO* »; « *O ESTA-*

DO É A REVOLUÇÃO » e em muitas outras uma fonte inesgotável de inspiração, de ensinamentos e de respostas para os problemas mais candentes e complexos da luta revolucionária dos nossos dias.

Os comunistas, a classe operária, os trabalhadores e pessoas progressistas de Portugal comemoram os 100 anos do nascimento de V. I. Lênine num momento em que se travam importantes batalhas políticas contra a ditadura fascista e pela Democracia. Num momento em que se reforça a influência e o papel dirigente da classe operária e da sua vanguarda organizada — o Partido Comunista. Num momento em que se reforça a unidade e a organização das forças democráticas e se avizinham novas batalhas pela instauração da Democracia em Portugal.

Comemorar o centenário do nascimento de Lênine, como destaca a resolução do C. C. do nosso Partido de Agosto de 1969, « *é comemorar os êxitos e vitórias da União Soviética, principal baluarte de todas as forças revolucionárias do mundo. É comemorar os êxitos e vitórias do Partido de Lênine, o Partido Comunista da União Soviética. É comemorar as vitórias históricas dos países socialistas, do proletariado internacional, dos povos que se libertaram do jugo colonial. É comemorar o triunfo das ideias do marxismo-leninismo, que inspiram milhões de homens e iluminam o caminho da luta pela libertação de toda a humanidade do jugo do imperialismo, pelo triunfo do comunismo à escala mundial* ». É intensificar a luta contra o fascismo e pela Liberdade, pela democracia e socialismo em Portugal.

Viva o Marxismo-Leninismo!

# Com Lénine

## contra os adúlteros do marxismo-leninismo

Os ensinamentos de Lénine no plano da luta ideológica não são, de modo nenhum, um aspecto menos importante ou menos actual do seu legado teórico. Estudá-los, assimilá-los, difundi-los, aplicá-los resolutamente nas condições da luta ideológica dos nossos dias, no nosso País, é uma tarefa obrigatória e central para o militante comunista, é, agora, uma forma activa e vivificante de tomar parte nas comemorações do centésimo aniversário do nascimento do grande estratega da revolução proletária.

A gigantesca contribuição teórica de Lénine parte da essência e do método da doutrina de Marx e Engels e foi desenvolvida nas condições de uma luta implacável contra todos aqueles que, adoptando quer uma atitude revisionista e oportunista de direita quer uma atitude dogmática e oportunista de esquerda, se propunham, inconscientemente ou deliberadamente, adúlterar o marxismo.

No seu artigo «Os destinos históricos da doutrina de Karl Marx», Lénine põe em relevo o fenómeno que acompanhou a vitória do marxismo sobre as numerosas facções do socialismo não científico: «A dialéctica da história é tão evidente que a vitória do marxismo em matéria teórica obriga os seus inimigos a *mascarem-se* de marxistas.» (1) Concretizando esta ideia, escreve num outro artigo («Marxismo e Revisionismo»): «O socialismo pré-marxista está batido; mas continua a lutar, não já no seu próprio terreno, mas no terreno geral do marxismo, na qualidade revisionista.» E ainda: «Mesmo o «revisionismo de esquerda», que aparece hoje nos países latinos sob a forma de «sindicalismo revolucionário», se adapta também ao marxismo «corrigindo-o» (2)

Ao aprofundar as raízes de classe do revisionismo Lénine localiza-as nas grandes camadas da pequena burguesia e dos pequenos patrões que vivem ao lado do proletariado, ameaçadas elas próprias de proletarianização, nas novas «camadas médias» que a pequena produção engendra, mas que «são também, fatalmente, lançadas nas fileiras do proletariado.» (3)

Ao definir a «substância ideológica do revisionismo», Lénine demonstra que ele está sob a influência da propaganda burguesa: «Em matéria filosófica—diz—o revisionismo marcha a reboque da ciência professoral burguesa.» (4)

No seu livro «A Doença Infantil do Comunismo («o esquerdismo»)), Lénine aponta os

inimigos que o bolchevismo teve que combater no seio do movimento operário: Em primeiro lugar o oportunismo que, em 1914, se transformou em social-chauvinismo e definitivamente se colocou ao lado da burguesia contra o proletariado»; mas logo a seguir assiná-la «que o bolchevismo cresceu, constituiu-se e temperou-se numa luta de longos anos contra o *revolucionarismo pequeno-burguês* que se assemelha ao anarquismo ou que possui algo de comum com ele e contraria as condições e necessidades de uma luta consequente de classe proletária.» (5)

As origens de classe deste revolucionarismo residem, segundo Lénine, na massa dos pequenos proprietários e pequenos patrões que «em regime capitalista sofre uma opressão contínua e muitas vezes um agravamento muitíssimo forte e rápido das suas condições de vida.» (6)

Aprofundando a caracterização do revolucionarismo pequeno-burguês, diz, ainda: «A instabilidade desse revolucionarismo, a sua esterilidade e a particularidade de se transformar facilmente em submissão, em apatia, em fantasia vã e mesmo em entusiasmo «furioso» por esta ou aquela tendência burguesa «em moda», tudo isto é do conhecimento público.»

Ressalvadas as distâncias quer quanto às condições históricas gerais, quer quanto às condições concretas de Portugal, estes tópicos ajudam-nos a compreender, localizar e interpretar as teses e concepções ideológicas que se defrontam, hoje, na nossa vida política.

As fontes de onde brotam as diferentes adúlterações do marxismo têm bases de classe e ideológicas bem determinadas, mesmo quando afloram e se esgotam em pequenos grupos de intelectuais, por isso não é difícil identificar sob as roupagens da nossa época os diferentes tipos de «companheiros de viagem» do marxismo que Lénine caracterizou: o oportunismo mascarado de marxismo, a revivescência de concepções pré-marxistas labutando ainda no sentido de revisão do marxismo, o revolucionarismo pequeno-burguês nos seus diferentes estados de alma—a apatia, a fantasia vã sob a forma do verbalismo de esquerda, até o entusiasmo por esta ou aquela tendência burguesa «em moda». O êxito alcançado pelo filósofo americano Marcuse em certos círculos intelectuais é prova disso e é o ponto de partida para um pequeno surto revisionista nesses mesmos círculos e em meios estudantis. Hoje como ontem o revisionismo marcha a reboque da ciência professoral burguesa.



## O papel da propaganda burguesa

Os ideólogos do imperialismo, a propaganda burguesa em geral, sabem tirar partido e explorar muito hábilmente as debilidades de classe, as falsas interpretações, as fraquezas destes «companheiros de viagem» do marxismo. Já em 1910 Lênine acentuava: «A imprensa burguesa engendra a esse respeito muito mais erros do que dantes e divulga-os mais largamente.» (7)

Desde então a imprensa burguesa refinou subtilmente os seus processos (mesmo a imprensa censurada portuguesa). Informa com uma aparente objectividade, comenta com uma falsa imparcialidade e não é raro vê-la tomada de uma ponta de simpatia por movimentos que «contestam» o capitalismo desde que ... anárquicos ou anarquizantes e não sejam movidos pela vaga de fundo da classe operária.

A ideologia burguesa nada tem de atraente para oferecer à jovem geração. A sobrevivência do poder do capital joga-se hoje, no plano ideológico, não tanto na propaganda do capitalismo desacreditado, mas no esforço para denegrir o socialismo vitorioso e cindir a frente cada vez mais ampla dos que optaram e optam diariamente por ele.

Antes do socialismo ser uma portentosa realidade na União Soviética e nos outros países socialistas, a propaganda burguesa pregava que o socialismo era uma utopia, actualmente, até não acha mal que cada qual tenha abstractas aspirações socialistas, o que combate raiosamente é o socialismo como ele realmente existe, demonstração viva das teses fundamentais do marxismo, prova do poder e da capacidade da classe operária. A propaganda burguesa deforma a realidade existente nos países socialistas, exagera deliberadamente as dificuldades reais surgidas na construção da nova sociedade, fala de «socialismo burocratizado», etc. Não o faz em vão: os diferentes «companheiros de viagem» do marxismo — revisionistas e oportunistas de direita, «esquerdistas» e verbalistas de esquerda, todos afirmando-se «marxistas» — logo lhe pegam na palavra e fazem, frequentemente, do anti-sovietismo o centro do seu «labor revolucionário». Alguns verbalistas de esquerda que publicam entre nós um boletim chamado «Cadernos Necessários» foram ao ponto de congeminar que não existem países socialistas: «países post-capitalistas, vulgo» «socialistas» (8), pontificam eles. (Falam de modo particularmente grotesco, diria Lênine, sem dúvida). Os mesmos anunciam que são por uma sociedade «socialista e democrática» recusando a alienação do poder nas mãos de uma burocracia estatal.» (9) A ASP é mais trivial pronuncia-se «por

um socialismo em liberdade» e usando uma linguagem que remonta aos tempos da «guerra fria» diz-se contrária ao «totalitarismo das democracias populares.» (10)

A propaganda burguesa até não leva a mal que existam anarquistas, marxistas, comunistas, desde que «livres», «independentes», «descomprometidos»; trata mesmo com uma respeitosa deferência estes «revolucionários puros». Onde a propaganda burguesa assenta as suas baterias da denúncia, da calúnia, da intriga, do ataque torpe é sobre os Partidos Comunistas, as vanguardas organizadas do movimento operário revolucionário. Fustiga raiosamente o espírito de partido, a disciplina, o centralismo, proclama que os Partidos Comunistas estão burocratizados, falhos de iniciativa, ultrapassados (isto é que a rala, que preocupações!) Não o faz em vão: os «puros» pegam-lhe na palavra e encarniçam-se também eles contra os Partidos Comunistas — a uns culpam-nos por não estar feita ainda a revolução, a outros por a terem feito e consolidado.

Fazendo-se eco da pressão da propaganda burguesa, um intelectual conhecido, tanto pela sua obra vasta e tida por marxista, como pelos seus sucessivos alistamentos (quase a fechar o cerco), estabeleceu, na imprensa censurada, com um esquematismo que sempre conservou, que existem duas categorias de intelectuais: os alistados e os empenhados. Os primeiros dominados pela opinião colectiva dos partidos em que militam estão impedidos de descobrir a verdade; os segundos, entre os quais o autor agora se alista, livres como as avezinhas, é que a buscam afanosamente.

Os verbalistas dos «cadernos...» também cedem a essa pressão e pregam a desagregação e a dispersão dos que lutam pelo socialismo. Dizem eles: «a pluralidade de grupos e partidos de esquerda não é um factor negativo», ela «é condição para o exercício da prática dialéctica». (11) Neste aspecto também se apresentam em conformidade com a ASP que reclama o «princípio de admitir o pluralismo, hoje e no futuro.» (12)

Nada temos, é evidente, contra a formação de diferentes grupos de esquerda que possam exprimir as aspirações dos diferentes sectores da pequena-burguesia, sobretudo se eles se dispuserem a cooperarem numa conseqüente acção comum com o partido do proletariado. Mas pregar a dispersão, a «pluralidade», em nome do marxismo-leninismo e como serviço a prestar ao proletariado, é um embuste ideológico.

A propaganda burguesa não deixa, naturalmente, de combater o marxismo-leninismo,

ao fazê-lo, porém, lança-se com sanha odienta contra aquilo a que chama o «marxismo antigo», aquele precisamente que saiu vencedor de todas as provas e foi a alavanca ideológica transformadora de grande parte do mundo, mas em contrapartida propaga aquilo a que chama o «marxismo moderno», o «marxismo novo», uma miscelânea onde reúne concepções anarquistas, trotskistas, revisionistas de diverso tipo, desprovidas de carácter de classe, orientadas de um modo ou de outro (os argumentos variam segundo as conveniências) contra os países socialistas, os partidos comunis-

tas, o movimento operário organizado. Tal como o socialismo pré-marxista depois de derrotado passou a combater o marxismo a partir de posições aparentemente marxistas, a propaganda burguesa, à medida que se esgotam os seus argumentos ideológicos, passa a fazer anti-comunismo a partir de posições pretensamente «marxista».

Respeitando, evidentemente, a diferença das intenções, não pode deixar de se reconhecer que o «labor doutrinário» do verbalismo de esquerda adopta processos semelhantes e opera de forma idêntica.

## **Oportunismo de direita essência ideológica do verbalismo de esquerda**

O verbalismo de esquerda tal como tem aparecido nas condições da demagogia «liberalizante» não pode ser identificado simplesmente com o esquerdismo «dogmático de proveniência chinesa que se manifestou, em certos meios pequeno-burgueses, durante os últimos anos.

As concepções anti-marxistas deste «esquerdismo» têm sido objecto de uma crítica de princípios por parte do nosso Partido, nomeadamente no Relatório da Actividade do C.C. ao VI Congresso, apresentado por Álvaro Cunhal. Batido pela prática, que confirmou a justeza das nossas apreciações, o «esquerdismo» dogmático está hoje mais isolado ainda, continuando a repetir incansavelmente o mesmo discurso — não oferece nada de novo.

O verbalismo de esquerda tem origem e é contido nos mesmos meios sociais. O seu conteúdo ideológico apresenta, porém, a originalidade de retomar algumas teses do «esquerdismo» dogmático e inseri-las numa substância ideológica essencialmente oportunista e revisionista de direita.

Tomamos como objecto principal de apreciação os já referidos «Cadernos Necessários» que oferecem a comodidade de apresentar com grande explanação as teses e concepções do verbalismo de esquerda, o que permite passar para além das poses fotográficas e ir até ao cerne das ideias.

Mostrámos atrás como se comporta o verbalismo de esquerda, na pegada da propaganda burguesa, em relação aos países socialistas e ao partido do proletariado, vejamos como ataca outros problemas centrais da revolução e da vida política portuguesa.

Ao mesmo tempo que combate aquilo a que chama o «parlamentarismo» da oposição democrática, o verbalismo tem uma posição equívoca face à ditadura do proletariado, pronunciando-se à boa maneira reformista por uma sociedade «socialista e democrática».

No entanto, a concepção da ditadura do pro-

letariado é uma tese central do marxismo que todas as revoluções socialistas têm confirmado. Foi Marx que disse: «O que eu trouxe de novo foi: 1) demonstrar que a existência das classes está ligado somente a determinadas fases do desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente à ditadura do proletariado; 3) que essa própria ditadura nada mais é que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes.» (13)

Ao mesmo tempo que combate a luta reivindicativa dos trabalhadores com o argumento ultra-anarquista de que retarda a consciencialização das massas, o verbalismo preconiza, à boa maneira revisionista ou à velha maneira pré-marxista, pequeninos passinhos para o socialismo através de palavras de ordem como «congestão na empresa» (em fascismo?!), ou «exigir o poder crescente do jornalista sobre os próprios órgãos em que trabalha». (14)

No entanto, é geralmente sabido que o próprio capitalismo, não de hoje ou de ontem, mas de há muito, tem feito sugestões exactamente no mesmo sentido e isto sim com o objectivo de retardar a consciencialização das massas.

Ao mesmo tempo que se insurge contra o que chama o «economismo» da «esquerda clássica» (ler Partido Comunista), o verbalismo postula, à maneira do economismo mais estreito, que a questão da existência do fascismo é de menor interesse para o proletariado na medida em que o fascismo ou democracia burguesa são sempre formas de domínio da burguesia.

A boa maneira pequeno-burguesa, o verbalismo deslumbra-se com a demagogia «liberalizante» dos herdeiros de Salazar e fasilhe objectivamente o jogo quando anuncia que o Estado «deitará fora as incómodas roupagens fascistas herdadas da idade rural...» (15); quando advoga, à maneira do ministro do In-



terior, que a abertura de Marcelo Caetano «ultrapassa em certos casos, visivelmente, o que a «oposição» poderia pensar como reivindicável» (16); quando conclui como qualquer deputado «liberal» fascista, que a «ferida do fascismo está ainda muito fresca» (17) ou que «o pequeno passo que Caetano entendeu útil dar, até agora, foi o da liberalização». (18)

Dando mostras de uma total impotência ideológica (que os traços anteriormente apresentados atestam, aliás,) o verbalismo foi incapaz de definir uma posição face à luta no terreno «eleitoral». Brincou irresponsavelmente para encobrir essa impotência, oscilou entre um «intervencionismo envergonhado» e um «abstencionismo encapotado», foi uma miséria, mas quis dar-se ares e afirmou: «a tática para as eleições, ou melhor para o processo eleitoral, por parte das tendências esquerdistas (aceitamos gostosamente o repto) será a de verificar e fazer verificar na prática as tão reclamadas boas intenções da burguesia—desde a «abertura» da governamental, até à do «pensamento democrático».» (19) Valente tática esta! Nem o perigo e os incómodos da luta, nem o risco político de apontar uma direcção, um caminho,

uma palavra de ordem. Apenas a vênia respeitosamente oportunista para a «abertura» governamental. Cobardia política e ideológica é como isto se chama.

Anote-se à margem que os «Cadernos...» fazem questão de passar por «esquerdistas» o que já é para desconfiar.

No estilo conhecido dos doutrinadores burgueses que desprezam de facto as massas, o verbalismo não se cansa de clamar que a classe operária está desarmada ideologicamente, não se cansa de realçar «a extrema fraqueza da consciência política das massas populares» e destas constatações retira a assombrosa conclusão de que é preciso «obtermos, pelo menos, e numa fase inicial, a sua neutralidade» (20), pois afirma impressionado e utilizando o palavreado de qualquer Marchueta: «não esqueçamos que actualmente Marcelo Caetano tem mesmo um amplo apoio popular.» (21)

Já dizia Lênine: «É preciso não esquecer que o pessimismo corrente sobre o nosso contacto com as massas encobre, agora, com particular frequência, as ideias burguesas relativamente ao papel do proletariado na revolução.» (22)

## *Reforçar a luta ideológica para mais firme unidade na acção*

Sobre a etapa da revolução e sobre as alianças, o verbalismo de esquerda congemina falsas oposições absolutamente erradas e contrárias ao marxismo-leninismo.

Segundo essas congeminações a luta por reivindicações democráticas, a luta pela democracia, opôr-se-ia à luta pelo socialismo; a aliança com a burguesia liberal opôr-se-ia à unidade das esquerdas.

Não são novas estas congeminações embora os seus autores também se apresentem com o rótulo de «nova esquerda».

Ao comentá-las no contexto da revolução russa de 1905 escreve Lênine: «... é completamente absurda a ideia de que a revolução burguesa não traduz, da menor forma, os interesses do proletariado. Essa ideia absurda fica, afinal, reduzida à velha teoria populista de que a revolução burguesa entra em luta com os interesses do proletariado e de que não temos necessidade, por esse motivo das liberdades políticas burguesas»; e noutro ponto: «o proletariado nada tem a perder excepto as suas algemas e, com a ajuda da democracia, adquire todo um mundo». (23)

O verbalismo de esquerda tem face à revolução uma atitude diletante, curiosa, quando muito «doutrinária», é incapaz de abordá-la em termos práticos, por isso não pode compreender que a luta por reivindicações demo-

cráticas, a luta pela democracia, no nosso caso, a luta pela Revolução Democrática e Nacional é parte integrante da luta pelo socialismo. É incapaz de compreender que o proletariado está essencialmente interessado em transformações democráticas profundas—no nosso caso, na liquidação do poder dos monopólios e dos latifundiários, da dominação destes sobre os povos das colónias e da dominação do imperialismo sobre o nosso povo—não para ficar por aí, mas para levar a revolução mais à frente. Lutar para que estas transformações democráticas atinjam a maior profundidade no plano político, económico e social, combiná-las com a necessária destruição do aparelho de Estado fascista e a sua substituição por um novo aparelho de Estado profundamente democrático, é o caminho autenticamente revolucionário para aproximar a etapa seguinte da nossa revolução—a Revolução Socialista.

Os marxistas-leninistas, os revolucionários de esquerda que se dizem nas posições do proletariado têm que concentrar-se obrigatoriamente nestes objectivos e na luta que conduz a eles.

A luta de classe das massas trabalhadoras, as lutas da juventude e dos estudantes, a luta das mulheres e da intelectualidade, a luta contra as guerras coloniais, a acção democrática, as lutas por objectivos precisos e concretos,

como partes constituintes da luta geral contra o poder dos monopólios e dos latifundiários, são as batalhas onde se estão a formar os corpos do exército político da Revolução Democrática e Nacional. As grandes lutas desencadeadas e os progressos orgânicos conseguidos ao longo do último ano e já nos primeiros meses do actual provam que este é o caminho justo.

Os que negligenciam estas lutas, os que propagam a náusea pela acção prática apregoando que «a acção mais eficiente da hora actual é a da discussão», (24) os que minimizam a importância da organização, esses sim, ajudam, objectivamente a conservação do fascismo, do poder dos monopólios, do capitalismo em geral, e distanciam, de facto, a revolução socialista.

A propósito de alianças disse Lênine:

«Só se pode triunfar dum adversário mais poderoso à custa duma extrema tensão de forças e com a condição obrigatória de se tirar partido, com a maior atenção, minúcia, prudência e inteligência, dos menores «desentendimentos» entre os inimigos, das menores oposições de interesses entre as burguesias dos diversos países, entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia no interior de cada país, e também com a condição de se tirar partido das menores possibilidades de se assegurar um aliado numericamente forte, ainda que seja um aliado temporário, hesitante, condicional, pouco sólido e pouco seguro. Quem não assimilou esta verdade, não assimilou o marxismo, nem em geral o socialismo científico contemporâneo.» (25)

O verbalismo de esquerda não assimilou como temos vindo a demonstrar, uma prova mais é a sua oposição encarniçada à aliança com a burguesia liberal. Note-se que a sua crítica visa a concepção proletária da aliança do proletariado com a burguesia liberal, raramente visa as concepções oportunistas da burguesia liberal (trata-se de «um pacto de cavalheiros»?). Nós, comunistas, temos submetido as concepções oportunistas da burguesia liberal a uma constante crítica de classe, mas simultaneamente temos defendido e defendemos a aliança com ela, isto «resulta—como foi salientado pelo nosso VI Congresso—da análise da situação política, da difinição da natureza de classe do governo fascista, da consideração das classes que estão no poder e daquelas que lho disputam». (26)

Porém, só os que pretendem turvar as águas para nelas pescar depois podem acusar o nosso Partido de colocar a aliança com a burguesia liberal como tarefa central na sua política de alianças.

De todos os nossos textos básicos, da nossa imprensa periódica, da nossa acção diária decorre claramente que é a unidade da classe operária que está no centro da nossa actividade,

da nossa propaganda e agitação e que no capítulo das alianças damos prioridade à aliança com o campesinato e depois ao fortalecimento e dinamização da unidade das esquerdas, combatendo inclusivamente, a tendência que, por vezes, entre elas se tem manifestado para ir a reboque da burguesia liberal, para aceitar a sua hegemonia.

Quem objectivamente torpedeia a unidade das esquerdas e faz desse modo o jogo da burguesia liberal, são aquelas «esquerdas» que em vez de agir se propõem «verificar», que em vez de cooperar procuram desarticular o movimento democrático, que fomentam irresponsavelmente a confusão ideológica, que se furtam com argumentos especiosos a uma acção comum, persistente e organizada.

De há muito que o marxismo, pela própria pena de Marx, pôs o movimento operário de sobreaviso contra a inconsequência destas esquerdas. Dizia ele, escrevendo a P.V. Annenkov, em 1846:

«Numa sociedade avançada, em consequência da posição que ocupa, o pequeno burguês torna-se necessariamente, por um lado socialista, e, por outro lado, economista: sente-se deslumbrado pela magnificência da grande burguesia e tem compaixão para com os sofrimentos do povo. É ao mesmo tempo burguês e povo. (...) Esse pequeno burguês diviniza a *contradição*, justamente porque a *contradição* é a essência do seu ser. Ele não é mais que a *contradição* social em acção. Deve justificar, teóricamente, o que ele mesmo representa na vida prática.» (27)

A classe operária tem, porém, capacidade para unir à sua volta, arrastar e conduzir na luta as camadas mais combativas da pequena burguesia, de assimilar e educar no espírito do proletariado os revolucionários de origem pequeno-burguesa mais devotados e sinceros, mas isto só é possível nas condições de uma luta ideológica intransigente e sem tréguas.

NOTAS — (1) Texto em português «Karl Marx e sua doutrina», Edi. Avante, pp. 19 e 20. (2) Idem pp. 22 e 24 (3) Idem pp. 24 (4) Idem pp. 22 (5) Texto em português «A Doença Infantil do Comunismo («o esquerdismo»)), Ed. Avante, pp. 5 (6) Idem, pp. 5 e 6 (7) Artigo «Sobre certas particularidades do desenvolvimento histórico do marxismo», «Karl Marx e a sua doutrina», Ed. Avante, pp. 27 (8) «Cadernos Necessários», nº 2, pp. 18 (9) Idem nº 3, pp. 17 (10) «Portugal Socialista», (11) «Cadernos Ne-



cessários», n.º 3, pp. 18. (12) «Portugal Socialista», (13) «Carta a Weydemeyer». Texto em português, «Obras Escolhidas de K. Marx e F. Engels», Ed. Vitória, 3.º volume, pp. 254. (14) «Cadernos Necessários», n.º 3, pp. 18. (15) Idem, n.º 4, pp. 14. (16) Idem, n.º 2, pp. 7. (17) Idem, pp. 8. (18) Idem n.º 4, pp. 13. (19) Idem, n.º 2, pp. 10. (20) Idem, pp. 12 n.º 1. (21) Idem, (22) «Duas táticas da Social-De-

mocracia na revolução democrática», texto em português Ed. Calvino, pp. 27. (23) Idem pp. 75 e 78. (24) «Cadernos Necessários», n.º 4, pp. 1. (25) «A Doença Infantil do Comunismo («o esquerdismo»», Ed. Avante, pp. 23 (26) Álvaro Cunhal, «Relatório da Actividade do Comité Central», Ed. Avante, pp. 89. (27) «Obras Escolhidas», Ed. Vitória, 3.º volume pp. 253.

## LÉNINE E A QUESTÃO SINDICAL

Na sua actividade revolucionária e como teórico do movimento operário, Lénine dedicou uma particular atenção aos problemas sindicais e definiu o papel que cabe aos sindicatos na luta do proletariado contra o patronato e pela sua libertação da exploração capitalista, isto é, na luta económica e na luta política. Ele analisou com profundidade as questões do movimento sindical e dedicou-lhes centenas de páginas nas suas obras. No momento em que se comemora o centésimo aniversário do nas-

cimento deste grande dirigente do movimento operário internacional, teórico e artífice da primeira revolução socialista, a grande Revolução de Outubro, e no momento em que os problemas sindicais assumem uma importância considerável nas lutas da classe operária, não apenas pela agudização dessas lutas mas porque os sindicatos agrupam hoje centenas de milhões de trabalhadores, será útil lembrar alguns dos ensinamentos de Lénine e constatar a sua actualidade.

### O papel dos Sindicatos na luta do proletariado

Os sindicatos são a forma primária de organização da classe operária, «a forma elementar e inferior, a mais simples e a mais acessível de organização», dizia Lénine. (O «Esquerdismo», Doença Infantil do Comunismo». Eles são também, e por isso mesmo, a forma mais ampla de organização da classe operária, pois que, pela sua natureza e esfera de acção, pelos fins que visam, neles podem participar todos os trabalhadores, independentemente do seu grau de consciência de classe, das suas ideias políticas, religiosas, etc. O papel fundamental dos sindicatos, como organização de massas do proletariado (referimo-nos aqui aos sindicatos em geral no mundo capitalista.) é o de organizar e desenvolver a luta económica, a luta pela melhoria das condições de existência dos trabalhadores. Na «Plataforma tática para o Congresso de unificação», publicada em Março de 1906, Lénine diz: «Os sindicatos de ampla base, como o indica a experiência de todos os países capitalistas, são a organização mais adequada da classe operária com vistas à luta económica» (Ob. Compl.,)

ração de que é vítima da parte do patronato. Diz Lénine num artigo escrito no desterro em 1899 que «... a enorme importância da luta económica do proletariado e a necessidade dessa luta foram reconhecidas pelo marxismo desde o princípio» (Ob. Compl.). A resolução do primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizado em Genebra em 1866, reconhecia também a importância da luta económica e a importância dos sindicatos operários para a organização da classe operária na sua luta quotidiana contra o capital, e pela abolição do trabalho assalariado.

Entretanto, no mesmo artigo acima citado, referindo-se a essa resolução, Lénine diz que ela reconhecia ainda «que os sindicatos operários não deviam limitar a sua atenção exclusiva à luta directa contra o capital, não deviam separar-se do movimento político e social geral da classe operária; que os seus objectivos não deviam ser estreitos, mas aspirar à emancipação geral dos milhões de trabalhadores oprimidos» (Ob. Compl.,).

De facto, por muito importante que seja e é a luta económica, ela é insuficiente para libertar a classe operária, e com ela todos os trabalhadores,

Não há dúvida que a luta económica da classe operária na sociedade capitalista é uma grande importância como meio de conseguir, através dela, melhorar as suas condições de vida, como meio de atenuar a explo-

do sistema e da exploração capitalistas. E a classe operária não está apenas interessada em melhorar as condições de vida da sua força de trabalho. Estando muito interessada nisso, está sobretudo interessada em eliminar as condições que a obrigam a vender essa força de trabalho, em destruir a sociedade capitalista e substituí-la por uma sociedade sem classes. Para atingir tal objectivo a classe operária não pode limitar-se à luta económica, necessita organizar e desenvolver a luta política.

Para organizar e desenvolver a luta política, a classe operária necessita do seu partido político, revolucionário, forma superior de organização. Enquanto que os sindicatos agrupam ou podem agrupar todos os trabalhadores, o partido político do proletariado agrupa apenas os seus elementos de vanguarda, assim como elementos doutras classes e camadas da população que a defem aos ideais do socialismo e se dispõem a lutar por eles.

São organizações completamente distintas, não há nenhuma identificação entre uma e outra. Referindo-se à confusão que certos social-democratas faziam entre a organização política e a organização sindical, Lênine dizia que a luta política «é muito mais ampla e complexa que a luta económica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo a organização dum partido socialdemocrata revolucionário deve ser inevitavelmente de um género distinto da organização dos operários para a luta económica» (Ob. Esc.)

As organizações sindicais apareceram primeiro que os partidos políticos revolucionários do proletariado. A luta económica da classe operária começou primeiro que a sua luta política. Diz Lênine que «Os sindicatos marcaram um progresso gigantesco da classe operária no princípio do desenvolvimento do capitalismo; eles marcaram a passagem do estado de dispersão e da impotência em que se encontravam os operários, aos primeiros rudimentos da união de classe» (Ob. Comp.) É absolutamente natural que tenha sido assim, pois que a classe operária não podia ter nascido já com a consciência da necessidade de se organizar para lutar contra a exploração atroz de que foi vítima desde o primeiro dia.

## A «neutralidade» dos Sindicatos

O problema da «neutralidade» dos sindicatos na luta política existe praticamente desde que existem sindicatos e partidos e Lênine tratou-o largamente. Os sindicatos são organizações unitárias que podem agrupar todos os trabalhadores, membros do partido e sem partido, e até membros de partidos da pequena burguesia. Todos estão objectivamente inte-

ressados na abolição da exploração e, consequentemente, na conquista do poder político pela classe operária, embora nem todos se dêem conta disso. Os sindicatos não são o instrumento da conquista do poder político, mas organizações para a luta por reivindicações económicas e sociais. Mas significará isto que nada tem a ver com a luta política, que devem per-

E, na sua infância, não podia ainda compreender que não estava a lutar contra a exploração, mas que se impunha abolir a própria exploração, que podia aboli-la, e que para isso necessitava dum partido político seu, revolucionário. Antes, sentiu apenas necessidade de reagir contra as arbitrariedades e crimes de toda a ordem dos seus exploradores. Em carta dirigida a F. Bolte, a propósito da I.ª Internacional, Marx dizia em Novembro de 1871: «... o movimento político da classe operária tem como último objectivo, está claro, a conquista do poder político para a classe operária e para este fim é necessário, naturalmente, que a organização prévia da classe operária, nascida na sua própria luta económica, tenha alcançado certo grau de desenvolvimento» (C., Marx e F. Engels, Ob. Esc.). Foi, naturalmente, no próprio desenvolvimento desse processo de luta que se foi verificando uma tomada de consciência política e se mostrou a necessidade e a possibilidade da tomada do poder político como único meio, já não de atenuar, mas de eliminar completamente a exploração e opressão capitalistas. Daqui a necessidade do partido político revolucionário da classe operária como arma indispensável para atingir tal objectivo. Isto não significa que, obrigatoriamente, em toda a parte e em todos os países, os sindicatos tenham aparecido primeiro que o partido político da classe operária. Há mesmo casos em que assim não foi, mas o problema tem de ser visto considerando a classe operária no seu conjunto e não parceladamente, por destacamentos nacionais.

A partir do momento da existência simultânea de sindicatos e partidos políticos da classe operária, ambas organizações do proletariado, põe-se, naturalmente, o problema de qual a ligação que deve existir entre a actividade política dos membros do partido com vistas ao derrubamento do poder da burguesia, e a sua actividade sindical com vistas a arrancar concessões económicas a essa mesma burguesia. Por outro lado, qual a ligação, qual o tipo de relações entre os sindicatos e o partido.

ressados na abolição da exploração e, consequentemente, na conquista do poder político pela classe operária, embora nem todos se dêem conta disso. Os sindicatos não são o instrumento da conquista do poder político, mas organizações para a luta por reivindicações económicas e sociais. Mas significará isto que nada tem a ver com a luta política, que devem per-



manecer estranhos e neutrais perante essa luta política, estabelecendo-se um compartimento estanque entre estas duas formas de luta, da classe operária? Significará isto que um militante do partido pode e deve ser político fora do sindicato e apolítico dentro dele? Que pode e deve, ao entrar no sindicato, «deixar a política à porta»? Que se pode e deve separar inteiramente a luta política da luta económica, que tão frequentemente se confundem? Pensar e proceder (e há quem o tenha pensado e defendido e continua a defender) seria tentar separar o que não é separável, espalhar a confusão entre as massas trabalhadoras e fazer o jogo da burguesia.

Os elementos de vanguarda do proletariado, ao mesmo tempo que estão organizados no seu partido político, que tem como objectivo destruir a sociedade capitalista e construir a sociedade socialista, estão também organizados nos seus sindicatos profissionais, misturados com a massa de trabalhadores. Como elementos de vanguarda não podem limitar-se, na sua actividade dentro dos sindicatos, a organizar e desenvolver a luta puramente económica, muito importante sem dúvida, mas incapaz de impedir a perpetuação da exploração. Eles têm necessariamente que se preocupar por que a actuação das organizações sindicais, que englobam as amplas massas trabalhadoras; favoreçam a acção política que conduza à supressão da exploração.

Na «Plataforma táctica para o Congresso de unificação», já atrás referida, Lénine dizia que «O Partido deve tender por todos os meios a educar os operários filiados nos sindicatos no espírito dum ampla compreensão da luta de classes e das tarefas socialistas do proletariado, para conquistar realmente com a sua actividade o papel dirigente nos ditos sindicatos ...». Este papel dirigente dos comunistas nos sindicatos que Lénine defende e que continua a ser tão justo hoje como no tempo de Lénine, não pode ter apenas como objectivo a luta económica, embora esta seja a principal esfera de acção dos sindicatos. A classe operária não pode prescindir de nenhuma das armas de que dispõe, incluindo os sindicatos, que possam servir o principal fim da sua luta contra a burguesia, que é o aniquilamento da própria burguesia como classe e a conquista do poder político. Referindo-se à organização de sindicatos na Rússia czarista em «Que Fazer?» (tratava-se então de sindicatos clandestinos, visto que legalmente eles só foram permitidos na Rússia a partir de 1905), dizia Lénine: «As organizações sindicais não só podem ser extraordinariamente úteis para desenvolver e reforçar a luta económica, mas podem converter-se, além disso, num auxiliar da maior importância para a agitação política e a organização revolucio-

nária» (Ob. Esc.).

É evidente que a luta política do proletariado tem de ser conduzida e dirigida pelo Partido que, num plano superior, deve dirigir, aliás, toda a luta de classe do proletariado, incluindo a luta económica; que a luta política é a única que pode conduzir à sua libertação e é, por consequência a mais importante; que sendo a luta sindical de muito interesse e de grande importância o papel que pode desempenhar no combate diário das massas trabalhadoras contra os seus exploradores, ela não deve fazer esquecer que só a luta política revolucionária pode conduzir à tomada do poder pelo proletariado e após isto desapossar a burguesia.

O movimento sindical nasceu e alargou-se primeiro, como era natural, nos países industrialmente mais avançados e onde existiam liberdades políticas. Na Europa, foi particularmente em Inglaterra, Alemanha e França que o movimento sindical primeiro se desenvolveu e em princípios do século abrangia já vários milhões de trabalhadores. As concepções então dominantes no movimento sindical eram em grande parte concepções oportunistas. Em Inglaterra ele foi desde cedo dominado — e ainda o é hoje — pelo tradeunionismo reformista. Em França, como de resto em todos os países latinos da Europa, era e foi dominado durante muito tempo pelas concepções proudhonistas, isto é, pelo apolitismo. A medida que se desenvolve a luta da classe operária e cresce o movimento sindical, a burguesia esforça-se por exercer a sua influência sobre os sindicatos, por dividir os operários. Primeiro esforçara-se por impedi-los. Não o tendo conseguido, esforçara-se por dominá-los ideologicamente, sobretudo a partir do momento em que a organização sindical começa a ser uma força que ameaça os seus interesses. Em muitos casos os dirigentes sindicais eram elementos saídos da aristocracia operária, facilmente penetráveis à ideologia burguesa e veículos da sua influência no movimento sindical. Aliás este mesmo fenómeno continua a verificar-se hoje lá onde a classe operária está politicamente mais atrasada e é presa fácil do reformismo.

O crescimento da influência da burguesia nas organizações sindicais e o desenvolvimento destas organizações em número e importância trás naturalmente à ordem do dia dos desatacamentos políticos da classe operária, com muito mais acuidade, o problema da posição que deverão tomar os sindicatos perante a luta política do proletariado, se deverão ser neutrais ou se deverão, pelo contrário, favorecer e apoiar essa luta política. Nos partidos social-democratas, então os partidos revolucionários da classe operária, cedo apareceram e se desenvolveram também as concepções oportunistas e reformistas. Na verdade os oportunistas

tas da socialdemocracia bateram-se denodadamente pela «neutralidade» dos sindicatos e Lênine viria a dar-lhes um combate vigoroso. Num artigo publicado no «Proletari» em Fevereiro de 1908 sobre a neutralidade dos sindicatos Lênine diz: «Naturalmente, quando do nascimento do movimento operário político e sindical na Europa era possível defender a neutralidade dos sindicatos como um meio de alargar a base primitiva da luta proletária na época em que ela estava relativamente pouco desenvolvida e em que a burguesia não exercia uma influência sistemática sobre os sindicatos. Mas agora é inteiramente destituído de fundamento do ponto de vista da socialdemocracia internacional defender uma tal posição» (Ob. Comp.).

Mas o combate de Lênine à teoria da «neutralidade» começa antes de 1908. No IVº Congresso do P.O.S.D.R., conhecido pelo Congresso de Estocolmo, realizado em 1906, o problema das relações sindicatos-Partido foi largamente debatido. Dado que os mencheviques tiveram aqui a maioria, o Congresso pronunciou-se contra qualquer ligação dos sindicatos ao Partido, adoptando assim o princípio da neutralidade. Esta decisão veio depois a ser rectificada no Congresso de Londres, em 1907, que se pronunciou no sentido inverso, isto é, por uma ligação estreita dos sindicatos com o Partido e contra a neutralidade. No VIIº Congresso da IIª. Internacional também realizado em 1907, em Estugarda, o mesmo problema constituiu um dos debates mais vivos e difíceis do Congresso, tendo-se inclusivamente cindido a comissão russa que participava na discussão da questão sindical: dum lado o menchevique Plekhanov batendo-se pela neutralidade; do outro, o bolchevique Voinov (A. Louncharski) apoiando o ponto de vista antineutralista do Congresso de Londres. Referindo-se à resolução adoptada no Congresso de Estugarda, diz Lênine: «A resolução sobre os sindicatos adoptada no Congresso de Londres do P.O.S.D.R. acha-se agora apoiada numa sólida base de princípio com a resolução de Estugarda. Esta afirma, de forma geral e para todos os países, a necessidade de laços estreitos e sólidos entre os sindicatos e o partido socialista». (Ob. Comp.).

Um dos argumentos em que se apoiavam (e se apoiam ainda hoje) os defensores da teoria da «neutralidade» é de que esta é necessária para a unidade da classe operária. Um tal argumento não tem nenhuma base válida. Vejamos porquê: Em primeiro lugar, a aceitamos um tal argumento, fêríamos de aceitar implicitamente que a burguesia é quem mais está interessada na unidade da classe operária, pois que é ela, são os seus ideólogos, quem mais encarnadamente defende a neutralidade dos sindicatos. A teoria da «neutralidade» é em si

mesma um produto e uma consequência da influência burguesa no seio do movimento operário. Não tenhamos dúvidas, se a neutralidade dos sindicatos fosse de facto uma condição para a unidade da classe operária ou fosse um elemento que de qualquer modo favorecesse essa unidade, a burguesia seria o seu maior inimigo, pois ninguém ignora que todos os esforços da burguesia incidem no sentido de dividir a classe operária. No seu artigo no «Proletari» sobre a neutralidade dos sindicatos, Lênine diz: «Os interesses de classe da burguesia não podem deixar de engendrar a vontade de reduzir os sindicatos a uma actividade mesquinha e estreita no quadro do sistema existente, de os impedir de estabelecer laços com o socialismo, e a teoria da neutralidade não é senão o adorno ideológico dessas aspirações da burguesia».

Em segundo lugar, não é verdade que o apoio dos sindicatos à luta política do proletariado provoque a sua divisão na luta económica. Se nem sempre os operários estão unidos na sua luta pela obtenção imediata de melhores condições de vida, tal como nem sempre o estão na sua luta política, isso não resulta da ausência de neutralidade política dos sindicatos, mas resulta da complexidade das contradições de classe, do papel que desempenha a acção e a influência da burguesia no seio do proletariado introduzindo uma diversificação de interesses que, embora aparente, produz dissensões. A este propósito escreve Lênine: «Diz-se que a neutralidade é necessária para agrupar todos os operários que consideram indispensável uma melhoria da sua situação material. Mas os que raciocinam assim esquecem que o grau actual das contradições de classe introduzem infalível e inevitavelmente «dissensões políticas» incluindo na questão da maneira de obter essa melhoria nos limites da sociedade contemporânea» (ob. cit. pág. 490). Ainda a propósito da teoria da neutralidade e comentando a resolução do Congresso de Estugarda que repelira tal princípio, Lênine, demonstrando que não é a neutralidade que impede o aparecimento de sindicatos de várias tendências, diz: «A intensificação do desenvolvimento das contradições de classe, o seu agravamento em todos os países no decurso do último período, a longa experiência da Alemanha (onde a política de neutralidade reforçou o oportunismo nos sindicatos sem impedir de modo nenhum o aparecimento de sindicatos cristãos e liberais separados), a extensão da luta dos proletários num domínio que exige uma acção conjunta unânime dos sindicatos e do partido político (...), tudo isto acabou por retirar todo o fundamento à teoria da neutralidade». E mais adiante: «... a teoria da «neutralidade» serve de facto para aumentar a influência da burguesia sobre o proletariado» (ob. cit.).



De facto, a teoria da neutralidade política dos sindicatos contém implícita, objectivamente, a ideia da conciliação dos interesses de classe do proletariado e da burguesia. Admitir que os operários podem ser politicamente neutrais em relação aos seus inimigos de classe num dado plano da sua luta geral contra a burguesia, concretamente na luta económica, é admitir que nesse plano e nesse momento não há contradição de interesses, é esquecer que a burguesia nesse mesmo momento se está servindo do seu poder político para esmagar os operários ou mesmo apenas para lhes resistir. Na sua resistência à luta económica da classe operária, mesmo quando puramente económica, a burguesia de todos os países não se serve apenas do seu poder económico. Ela serve-se fundamentalmente do seu poder político, mesmo quando não

utiliza as forças repressivas. A utilização dos meios de informação e propaganda de que dispõe e que usa largamente para denegrir e deturpar a luta dos trabalhadores, para os dividir, para tentar influenciar desfavoravelmente a opinião pública; a propagação de que os aumentos de salários são a causa do aumento do custo de vida, que finalmente recai sobre todas as camadas da população; a propagação de que as empresas precisam de realizar grandes lucros para serem economicamente fortes e poderem continuar a garantir trabalho aos operários, etc., tudo isto constitui uma acção política constante da burguesia contra a luta económica dos trabalhadores. Na luta de classes entre a burguesia e o proletariado não há neutralidade possível. Só a burguesia está objectivamente interessada na propagação duma tal teoria.

## A actualidade dos ensinamentos de Lênine

Apesar das enormes transformações por que passou o mundo desde o desaparecimento de Lênine, os ensinamentos que nos legou continuam válidos e actuais na luta sindical como em toda a luta de classes do proletariado. O papel dos sindicatos na luta da classe operária contra os seus exploradores é hoje ainda mais importante que no tempo de Lênine na medida em que, devido ao grande desenvolvimento do capitalismo e dos monopólios e consequente intensificação da exploração da classe operária, por um lado, e à formação do sistema socialista por outro, a luta de classes se agudizou, novas camadas da população foram proletarizadas e os efectivos sindicais aumentaram consideravelmente.

O movimento sindical mundial constitui hoje uma poderosa força da classe operária internacional. Centenas de milhões de trabalhadores estão filiados nos sindicatos. De cerca de 9 milhões em 1910, eles são actualmente mais de 200 milhões. Só no último Congresso Sindical Mundial realizado em Outubro do ano passado estiveram representados mais de 150 milhões. Mas mesmo os trabalhadores que não estão filiados nos sindicatos—e são também muitos milhões—são mobilizados ou mobilizáveis por estes para a luta contra o patronato. Em França, por exemplo, país de fortes tradições sindicais, menos dum terço dos trabalhadores estão sindicados. No entanto quando os sindicatos decidem uma luta ou esta é desencadeada por iniciativa dos próprios trabalhadores, a grande maioria, sindicados e não sindicados, participa geralmente nela. As greves de Maio-Junho de 1969 mobilizaram mais de 9 milhões de trabalhadores. Isto mostra toda a importância que tem para a luta geral do proletariado contra a burguesia a posição dos sindicatos perante o poder político da burguesia.

Tal como no tempo de Lênine, a ala reformista do movimento operário continua a defender a neutralidade política dos sindicatos, o que no fundo corresponde a pretender limitar a luta da classe operária aos marcos da luta económica pura e simples, deixando à burguesia o cuidado de se ocupar da política. Os dirigentes reformistas do movimento operário continua assim a servir os interesses e os objectivos da burguesia nos seus esforços pela abstenção da classe operária na luta política e na propagação da teoria da «colaboração de classes», da «conciliação» dos interesses de explorados e exploradores, cujo fim é amortecer a combatividade da classe operária, enfraquecer o seu espírito de classe e levá-la a aceitar passivamente a exploração e o domínio da burguesia. Da parte de tais dirigentes reformistas assiste-se mesmo hoje a um esforço para reafirmar a luta económica dos trabalhadores, indo ao ponto de, nos sindicatos que influenciam ou dirigem, se oporem frequentemente ao desencadeamento de gre-

ves e de outras lutas da classe operária pelas suas reivindicações. Em numerosos casos a classe operária tem reagido enérgicamente contra as concepções «conciliatórias» dos seus dirigentes sindicais e tem saltado por cima deles. As chamadas «greves selvagens» verificadas o ano passado na Inglaterra e na Alemanha e já este ano na Suécia e na Bélgica, greves desencadeadas contra o patronato e com a oposição dos dirigentes sindicais, são disso exemplo. Viu-se então como nalguns casos tais dirigentes levaram o seu espírito «conciliatório» ao ponto de colaborarem com o patronato e as autoridades na repressão dos trabalhadores.

Por outro lado assiste-se ao aparecimento de novas teorias que, pretendendo embora não pôr em causa a legitimidade dum certo papel político dos sindicatos na luta do proletariado, até porque, dizem, existe uma «política sindical», preconizam no entanto que os sindicatos se devem afastar cada vez mais dos partidos, que devem adoptar uma posição de «neutralidade ideológica», etc. Tudo isto, diz-se, em defesa da unidade da classe operária.

Todas as preocupações e todos os esforços em favor da unidade da classe operária são inteiramente legítimos. Mas a unidade da classe operária não é e não pode ser um fim em si mesma. A unidade da classe operária não é um estado passivo, ela a pode verificar-se e só se justifica na acção e para a acção. A unidade da classe operária tem pois de ser um meio de favorecer e fortalecer a sua luta de classes contra a burguesia, luta que não é apenas económica mas política também. Ora o que se verifica, através de toda a experiência passada e presente, não é que a ligação mais ou menos estreita entre os partidos revolucionários da classe operária e os sindicatos impede ou prejudica a unidade e a luta dos trabalhadores. Pelo contrário, essa unidade e essa luta são mais amplas e mais eficazes, a luta é mais aguerrida, precisamente aí onde existe tal ligação e onde os sindicatos não se guiam pela teoria da «neutralidade».

«Neutralidade política» ou «neutralidade ideológica» dos sindicatos, afastamento destes dos partidos revolucionários do proletariado, longe de servir a unidade da classe operária na sua luta económica e revolucionária, são, no fundo, concessões feitas à burguesia e só a esta servem. Quando Lênine diz que «... o trabalho nos sindicatos não deve ser conduzido no espírito da neutralidade, mas no do estabelecimento de laços cada vez mais estreitos entre os sindicatos e o Partido» não define um princípio válido apenas para um determinado momento e local, mas um princípio de alcance universal que as actuais condições da luta de classes do proletariado continuam a justificar inteiramente.